

Reviver na Rede: um exemplo de literacia mediática e inclusão

João Pinto¹,

Teresa Cardoso²

Resumo

Neste texto exploramos a possibilidade de o Facebook constituir um espaço de desenvolvimento da literacia mediática e inclusão digital, no contexto da Educação Aberta e da Educação ao longo da vida, apresentando, para o efeito, o projeto “REviver na Rede”, um caso prático de referência. A revolução digital impulsionou o paradigma da sociedade em rede, mediada pela tecnologia, com impacto nos estilos de vida, cada vez mais virtuais e *online*, estimulando novas formas de aprendizagem. As ferramentas digitais trouxeram, nomeadamente à educação, novos recursos, tanto no seu processo de construção como na forma como são disponibilizados, manuseados e apreendidos. Além disso, constata-se a necessidade de explorar a literacia mediática e a inclusão digital, como forma de democratizar o acesso à informação, e sua correta interpretação, por todos os cidadãos, tornando-os mais ativos e socialmente participativos. Por outro lado, os espaços privilegiados para a aprendizagem têm também evoluído. A tradicional Escola tem vindo a perder o domínio na educação ao longo da vida para outras abordagens informais, baseadas na *Web 2.0*, como é o caso das redes sociais, configurando novos espaços de e para a aprendizagem colaborativa e cooperativa. Desta forma, e tomando como exemplo o projeto “REviver na Rede”, tem sido possível concluir que o Facebook tem vindo a emergir na Educação com várias valências. Para além de recurso educacional, digital e multimédia, também pode assumir um papel muito relevante na partilha e construção do conhecimento, tornando-se numa plataforma de aprendizagem inclusiva e de desenvolvimento da literacia mediática e cívica.

Palavras-chave: Literacia mediática, inclusão digital, Facebook, educação, “REviver na Rede”.

Abstract

In this text we explore the possibility of Facebook as a space for the development of media literacy and digital inclusion, in the context of Open Education and Lifelong Education, presenting, for this purpose, the Project “REviver na Rede”. The digital revolution has boosted the paradigm of the

¹ LE@D, Laboratório de Educação a Distância e Elearning, Universidade Aberta (PORTUGAL), joao.pinto@uab.pt

² Universidade Aberta (PORTUGAL), LE@D, Laboratório de Educação a Distância e Elearning, Teresa.Cardoso@uab.pt

networked society, mediated by technology, with an impact on lifestyles, increasingly virtual and online, stimulating new forms of learning. Digital tools have brought new resources, in particular to education, both in their process of construction and in the way they are made available, handled, and perceived. In addition, there is a need to explore media literacy and digital inclusion as a way to democratize the access to information and its correct interpretation by all citizens, making them more active and socially participatory. On the other hand, privileged spaces for learning have also been evolving. The traditional School has been losing dominance in lifelong learning to other informal approaches, based on the Web 2.0, such as social networks, shaping new spaces to and from collaborative and cooperative learning. Thus, and taking as an example the Project “REviver na Rede”, it has been possible to conclude that Facebook has been emerging in Education with several dimensions. Besides providing educational, digital, and multimedia resources, it can also play a very important role in the sharing and construction of knowledge, becoming a platform for inclusive learning and the development of media and civic literacy.

Keywords: Media literacy, Digital inclusion, Facebook, Education, “REviver na Rede”.

Introdução

A revolução digital impulsionou o paradigma da sociedade em rede, mediada pela tecnologia, com impacto nos estilos de vida, cada vez mais virtuais e *online*, estimulando novas formas de aprendizagem. Por exemplo, já não somos apenas meros consumidores de informação, mas tornamo-nos também produtores de conhecimento. Estas dinâmicas estão, progressivamente, a transformar as instituições e os processos educacionais, fazendo emergir novas metodologias de ensino/aprendizagem, como o movimento dos Recursos Educacionais Abertos (REA), e fortalecendo outras já existentes, no âmbito da Educação Aberta. Por isso, ao considerarmos que a relação entre as redes sociais *online* e a educação em geral é inevitável, também convocamos para esta equação a literacia mediática e a inclusão digital.

Atualmente o Facebook tornou-se num gigantesco e global palco virtual, no qual se promovem comportamentos e novas possibilidades de interação, configurando-se como um recurso significativo para o processo de ensino e aprendizagem; simultaneamente, também se tornou num disseminador de práticas e experiências educativas. As novas ferramentas digitais trouxeram à educação novos recursos de aprendizagem, tanto no seu processo de construção como na forma como são disponibilizados, manuseados e apreendidos. São objetos de aprendizagem, muitos assumindo as características intrínsecas dos Recursos Educacionais Abertos (REA), utilizados como meio para adquirir um determinado saber nele contido,

permitindo construir conhecimentos novos, de forma imersiva e interativa. Embora o tradicional conceito de recurso didático nos remeta para um objeto físico, no atual contexto tecnológico pode deixar de ser apenas uma peça de *hardware* e assim entrar no campo do *software*. Assume, pois, uma dimensão digital, conquistando uma nova valência e possibilidades próprias, advindas deste ambiente virtual. São exemplos destas potencialidades, a sua co-construção, partilha, discussão e reflexão, mediadas pela tecnologia digital, sem que os participantes se conheçam fisicamente, nem tenham em consideração a sua identidade.

Por outro lado, os espaços privilegiados para aprendizagem têm sofrido alterações. A tradicional Escola tem vindo a perder o domínio na educação ao longo da vida para outras abordagens (in)formais, muitas delas baseadas nas novas ferramentas disponibilizadas pela *Web 2.0*, como é o caso das redes sociais, configurando novos espaços de e para a aprendizagem colaborativa e cooperativa. Esta virtualização da aprendizagem, além de estar sujeita a uma nova configuração espaço-temporal, também promove novas relações intergeracionais, na qual são reconstruídos processos interativos, se recriam novas formas de comunicação e se derrubam barreiras físicas e psicológicas, possibilitando, assim, a implementação de novas oportunidades de aprendizagem.

Constata-se que os conceitos tradicionais de literacias já não respondem convenientemente aos requisitos dos novos estilos de vida cada vez mais digitais. De facto, a capacidade de ler e escrever ou efetuar cálculos matemáticos simples já não é suficiente para o indivíduo se integrar na sociedade contemporânea. Assim, convocamos os novos modelos de literacia para refletir sobre como as redes sociais digitais têm vindo a promover as novas formas “de estar e de ser” (Silva, 2001, p. 856). Para fazer um enquadramento prático desta temática apresentamos o caso do projeto “REviver na Rede”, focado no apoio à utilização do Facebook a populações em situação de desemprego e de isolamento social, explorando a relação entre o Facebook, a educação e a integração social do indivíduo, no contexto das aprendizagens (in)formais online.

Assim, ao longo deste texto abordaremos a literacia mediática e a inclusão digital como formas de democratizar o acesso à informação, e sua correta interpretação, por todos os cidadãos, tornando-os mais ativos e socialmente participativos. Iniciamos este percurso, no ponto seguinte, pelas novas literacias na sociedade contemporânea.

1. As novas literacias na sociedade contemporânea

As revoluções tecnológicas do século XX, nomeadamente a digital que marcou a mudança de século, fizeram emergir a “Sociedade em Rede” como paradigma social (Castells, 2011), na qual a informação assume uma centralidade nas relações sociais e de poder. Uma sociedade globalizada, estruturada segundo redes mediadas pela tecnologia, na qual emergem

fenómenos como a cibercultura (Lévy, 1999) e a cultura participatória (Rheingold, 2012), numa exponencial virtualização dos estilos de vida.

Estar ligado a outras pessoas e com elas comunicar, partilhando informação e construindo conhecimento coletivamente, mesmo que inconscientemente, tem sido uma das grandes características inerentes ao ser humano ao longo da história da humanidade. A internet veio permitir que a realização desta necessidade seja mais rápida, simples e eficiente. As redes sociais, baseadas na internet, caracterizadas por Mattar (2013, p. 28) como “conexões entre pessoas em ambientes virtuais”, são porventura o expoente máximo dos novos estilos de vida.

Agora, temos acesso a “tecnologias para criar, moldar e desenvolver conhecimento de forma conjunta, que em paralelo institui um conjunto de novos saberes e competências para promoção de tempos/espacos diversificados de aprendizagem formal e não-formal” (Santarosa, Conforto & Schneider, 2013, p. 7). Consta-se que educação/formação formal deixou de ser a única possibilidade de aprender, isto é, de construir conhecimento, sobretudo ao longo da vida. Segundo Seixas (2008), “na sociedade em rede, as pessoas aprendem cada vez mais de modo informal nas suas atividades pessoais e profissionais. [...] A aprendizagem informal é, cada vez mais, o verdadeiro motor do desenvolvimento do capital humano” (p. 21). Pesquisas realizadas por Viana (2009) permitem constatar que é possível aprender com os recursos disponibilizados pela *Web 2.0*, tendo identificado “diversos processos ou modos de aprendizagem informal, por parte dos sujeitos estudados na utilização que fazem dos ambientes *online*, nomeadamente, a reflexão, a capacidade de aprendermos com os outros, [...], o trabalho em equipa e a pesquisa na Internet” (p. 154).

Muitos autores, entre os quais García *et al* (2010), defendem que a tecnologia “afeta profundamente a nossa forma de trabalhar, colaborar, comunicar e continuar a progredir” (p. 4) e que os paradigmas da educação estão a mudar, pois a educação nem sempre tem estado aliada à tecnologia. De facto, atualmente deparamo-nos com novos modelos educativos a emergir, assumindo uma nova importância e interesse, nomeadamente os que incluem ferramentas sociais *online*, como são as chamadas plataformas de redes sociais, inspirados nas teorias sócio-construtivista de Vygotsky, e seus seguidores (Vygotsky, Luria, & Leontiev, 1988), e no conectivismo, enunciado por Siemens (2004).

Ainda segundo Santarosa, Conforto & Schneider (2013, p. 2), estas transformações influenciaram a Educação a Distância, para a qual as potencialidades interativas das redes sociais vieram “contribuir para superar a Distância Transacional” (Raquel, 2016, p. 1496). Mas também estão na origem da crescente importância da Educação Aberta, num contexto de aprendizagem ao longo da vida, uma vez que o conhecimento pode ser construído socialmente (Liyoshi & Kumar, 2014, p. 358). Ou seja, “se estamos cada vez mais *online*, em espaços e atividades socializantes, é lógico e

desejável que a aprendizagem também possa ocorrer nestes sítios” (Pinto & Cardoso, 2017, p. 86).

É neste cenário que o Facebook tem emergido, por entre um conjunto de redes sociais digitais, adquirindo onnipresença e influência mundial, posicionando-se como “uma rede de colaboração gigantesca” (Kirkpatrick, 2011, p. 340), incentivando as pessoas, com características diferentes, a utilizarem a internet com uma maior interatividade social, nunca antes possível (Raquel, 2016, p. 1487). Para Kirkpatrick (2011), o Facebook está assim a mudar a forma como centenas de milhões de pessoas se inter-relacionam e partilham informação, dando-lhes a possibilidade de comunicar e aprender de forma mais eficiente. É neste contexto que o Facebook vem ocupando um espaço significativo na educação informal, tanto como um importante recurso para o processo de ensino e aprendizagem, quanto como um disseminador de conteúdos pedagógicos, tornando-os “em ambientes de aprendizagem mais ricos e maior envolvimento” (Mattar, 2013, p. 115) dos aprendentes.

De facto o Facebook, assim como todas as ferramentas associadas à Web social, dão-nos a possibilidade de interagir, quotidianamente, com os mais variados conteúdos digitais, numa espécie de “tsunami mediático” (Trültzsch-Wijnen, 2019, p. 61). Por isso, é fundamental a mobilização de competências que possibilitem uma análise e reflexão crítica da informação recebida/recolhida, mas também de competências para interagir com os outros de forma eficaz. Isto é, e conforme preconizado no Perfil dos Alunos à saída da escolaridade obrigatória (Martins *et al*, 2017), tal implica a ativação de áreas de competências complementares, transversais, a exemplo da informação e comunicação, neste caso, desde a educação pré-escolar ao ensino secundário, mas também, continuando, pelas aprendizagens ao longo da vida. Isto é, implica ainda que o indivíduo saiba construir novos conhecimentos e lógicas de comunicação num novo contexto social. Porque “só o conhecimento nos permite sermos utilizadores conscientes e responsáveis das tecnologias digitais, apropriando-nos delas e moldando-as de modo a serem auxiliares na construção de um estilo de vida melhor, de uma sociedade melhor” (Dias, 2014, p. 94). Neste quadro, as novas literacias, assumem cada vez mais importância no desenvolvimento pessoal e profissional do indivíduo, mas também se perfila como um facto para a sua inclusão na sociedade.

Verifica-se, assim, a necessidade de ir além da “definição tradicional de literacia, agora demasiado estreita para conseguir capturar a complexidade das práticas reais nas sociedades contemporâneas” (Furtado, 2007, p. 106). Qualquer ideia de literacia surge pelo menos contemporaneamente ao objeto de que pretende ser literacia. Ou seja, numa perspetiva da evolução da tecnologia, cada avanço impõe ao indivíduo a necessidade de mobilização de novas competências para que melhor experiencie as possibilidades advindas do progresso. Portanto, na sociedade se reflete desde cedo, mesmo que informal e inconscientemente, sobre a

necessidade de construção de novos modelos de literacia. Dito de outro modo, e como temos vindo a considerar, vivemos numa sociedade em rede, numa era de partilha e de colaboração, alicerçada no crescimento imparável da Internet, em que os seus recursos já não são apenas responsáveis pela “transferência passiva de conteúdos do produtor para o recetor – são interativos por natureza” (Vieira, 2008, p. 196), originando novas dinâmicas e obrigando à adoção de outras competências. Esta realidade instiga-nos então a refletir sobre outros tipos de literacia, que envolvam não apenas a capacidade de ler e escrever ou efetuar cálculos matemáticos simples, antes aludidos, mas que tenham em conta o acesso e a capacidade de utilização de tecnologias digitais. Assim, “são necessárias novas literacias para além das (...) tradicionais” (Rebelo, 2015, p. 132).

Os novos modelos de literacia, enquanto conceitos, não são consensuais nem estáticos, encerrando em si significados nem sempre homogêneos, por vezes espelhando heterogeneidades conforme os autores e, principalmente, conforme as dinâmicas tecnológicas de cada época. Mas, independentemente das possíveis designações que a literacia digital possa assumir, parece ser consensual o reconhecimento de que se relaciona com o modo como o indivíduo se apropria dos conteúdos e das ferramentas digitais para a sua vida pessoal, profissional e social, nomeadamente para usar informação e gerar conhecimento. O que também parece consensual é o facto de a literacia digital e a literacia da informação serem agora conceitos-chave da sociedade contemporânea, e ser, por isso, indispensável que cada cidadão possua competências a esses níveis. Assim, podemos afirmar que a literacia da informação converge para a literacia digital, gerando sinergias “indissociáveis e fulcrais numa sociedade digital globalizada” (Loureiro & Rocha, 2012, p. 2735). Na realidade, constatamos que os conceitos abrangidos pelas novas literacias, como é o caso da literacia da informação e digital, adotam dinâmicas que acompanham as evoluções tecnológicas e sociais, como anteriormente reconhecido. Então, não é aconselhável delimitá-los com fronteiras ou restringi-los a um tempo ou espaço.

Contudo, Martin (2005) considera o conceito de literacia digital mais amplo, uma vez que inclui elementos de outras literacias, como a dos media. Aliás, Oliveira (2019) começa por constatar que a literacia para os media “tem sido marcada pela sombra da volatilidade” (p. 10), uma afirmação que pode ser entendida como “um sinal da capacidade de o conceito se desenvolver a par do progresso da sociedade tecnológica e informacional digital” (Oliveira, 2019, p. 29). No portal do Observatório sobre Média, Informação e Literacia (MILOBS),³ pode ler-se “uma pluralidade de designações: educação para os media, literacia mediática, educomunicação, literacia digital, pedagogia da

³ www.milobs.pt

comunicação e/ou dos media, literacia da informação e dos media, etc.”⁴, sendo aí defendido que devem ser todas devidamente contextualizadas.

Assim, atualmente, também nos parece incontornável considerar a utilização do termo literacia mediática como chapéu teórico referenciador destas novas literacias sobre as quais temos vindo a refletir, uma vez que é vista como a “fusão dos media eletrónicos [comunicação de massas] e dos media digitais [comunicação multimédia]” (Vieira, 2008, p. 200). Este autor esclarece ainda que a literacia para os media “diz respeito a todos os tipos de media, designadamente, televisão, cinema, vídeo, rádio, videojogos, imprensa e Internet e outras novas tecnologias digitais da comunicação”, emergindo com os ambientes de comunicação baseados nas novas tecnologias. Pode ser definida como “a capacidade de aceder aos media, de compreender e avaliar de modo crítico os diferentes aspetos dos media e dos seus conteúdos e de criar comunicações em diversos contextos” (Vieira, 2008, p. 195), constituindo-se como o “núcleo central das competências necessárias para se enfrentar o século XXI” (Cunha, 2016, p. 57). Para o referido Observatório, trata-se ainda de tomar consciência acerca das motivações das transações emocionais e afetivas, de se posicionar e de adotar comportamentos conscientes e críticos.

É certo que as ferramentas digitais trouxeram à sociedade, nomeadamente à educação, novos recursos e possibilidades, mas também nos incutem novas responsabilidades e desafios. Por tal, e como já reconhecido, constata-se a necessidade de explorar a literacia mediática e a inclusão digital, como forma de democratizar o acesso à informação, e sua correta interpretação, por todos os cidadãos, tornando-os mais ativos e socialmente participativos. No âmbito da iniciativa MEDICI - Mapping Digital Inclusion⁵, reduzir a exclusão digital é garantir que as pessoas tenham a capacidade de usar as ferramentas e conteúdos disponíveis na Internet para fazer coisas que as beneficiem no quotidiano, proposta que converge para os conceitos basilares das novas literacias. Foi também neste pressuposto que emergiu o projeto “REviver na Rede”, de que a seguir se dá conta.

2. O caso do projeto REviver na Rede

A relação entre o Facebook, a educação e a integração social do indivíduo, no contexto das aprendizagens (in)formais tem despertado o interesse dos agentes da educação na sua incansável procura de novos meios para melhor intervir na sociedade, propondo soluções mais adequadas às problemáticas socioeducativas atuais.

Os próprios autores deste texto têm refletido sobre esta temática, inspirando o projeto “REviver na Rede”⁶ com o qual sustentaram que as redes

⁴ <http://milobs.pt/literacia-para-os-media/conceitos-e-metodologias>

⁵ <https://medici-project.eu/digital-inclusion>

⁶ www.revivernarede.blogspot.pt

sociais, designadamente o Facebook, são ferramentas válidas para promover aprendizagens informais ao longo da vida, quer em contextos de requalificação como de desenvolvimento pessoal (Pinto, 2017). As investigações desenvolvidas em torno do referido projeto revelaram a existência de uma considerável atenção para com as redes sociais, tanto por parte da sociedade como das instituições académicas, um pouco na senda de anteriores avanços que a integração das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) trouxe para a Educação nos primeiros anos deste século. Fica também demonstrado que o Facebook é uma plataforma capaz de juntar várias gerações, “promovendo a comunicação e partilha entre pessoas de características diferentes, mas com os mesmos objetivos e necessidades” (Pinto & Cardoso, 2020, p. 322).

O projeto nasceu no âmbito do mestrado em Pedagogia do E-Learning da Universidade Aberta (Portugal), dando origem à dissertação com o título “Formação aberta e *online*, redes sociais e inclusão digital: o projeto REviver na Rede” (Pinto, 2017), e tem vindo a ser implementado na Região Autónoma da Madeira (RAM) desde 2015. Com a crise económica e financeira mundial de 2007-2008, a região registou altas taxas de desemprego de longa duração, situação que se prolongou por muitos anos, com consequências gravosas na integração social dos indivíduos. Então, o projeto “REviver na Rede” surgiu com o principal objetivo de prestar apoio às pessoas em situação de desemprego na utilização do Facebook para se socializarem, evitando o isolamento e a autoexclusão social, além de promover novas formas de procura ativa de emprego. Para tal, procurou-se desenvolver as novas literacias e competências digitais, integrando as novas ferramentas disponíveis, como as promovidas pela e na utilização do Facebook, no quotidiano social daquele tipo de população. O projeto tem um forte âmbito pedagógico, social e solidário, prevendo um trabalho voluntário de coletivos e comunidades, numa lógica de empreendedorismo social, pretendendo ser um modelo de integração social e desenvolvimento pessoal, possível de ser replicado a outras realidades.

Inicialmente, o público-alvo do projeto foi definido como sendo pessoas desempregadas residentes na Madeira, mas percebemos uma forte adesão de outras pessoas, nomeadamente, empregados procurando novas oportunidades de trabalho e familiares ou amigos de desempregados. Menos esperado foi o envolvimento dos emigrantes, principalmente em países como Venezuela, África do Sul e Inglaterra. De referir que a emigração sempre teve uma grande expressão na Madeira, acentuando-se com a referida crise económica. Notámos que alguns dos emigrantes usavam os espaços do projeto como meio de descobrir a recetividade do mercado de trabalho na região, considerando a possibilidade de regressar, o que indicia que o projeto pode contribuir para a reintegração dos emigrantes, incentivando à melhoria das suas competências, principalmente na utilização do Facebook, para conseguirem um emprego (a distância) nas suas comunidades de origem.

Os estudos de diagnóstico, realizados na fase preparatória do projeto, indicaram que as redes sociais digitais tinham potencialidades para integrar uma solução e que o Facebook seria a melhor para o pretendido. Esta ferramenta social, associada à globalização, pode responder a tais necessidades e contribuir para o desenvolvimento das comunidades locais. De facto, e recordando, constatamos a existência de uma considerável atenção para com as redes sociais digitais, tanto por parte da sociedade como das instituições académicas. Ficou também evidenciado que o Facebook era capaz de juntar várias gerações, compostas tanto por cidadãos ditos analógicos como digitais, aliás também como já mencionado. Assim, o Facebook revelou-se ser um espaço “para promover a comunicação e a partilha entre sujeitos com características diferentes, nomeadamente idades e maturidades diversas, embora partilhando, enquanto coletivos, objetivos e necessidades comuns” (Cardoso & Pinto, 2020, p. 14).

Neste sentido, importa visitar alguns estudos, e respetivos números, caracterizadores da utilização desta rede social pelos portugueses. Num olhar panorâmico constatamos que em Portugal também existe um predomínio do Facebook perante as demais redes sociais. Segundo um estudo de mercado, realizado pela Marktest, “94% dos portugueses que usam as redes sociais têm uma conta no Facebook” (Os Portugueses e as Redes Sociais, 2019), referindo-a como a rede social mais relevante. O mesmo estudo revela ainda outros dados favoráveis: é a mais conhecida, a mais utilizada, a mais credível, a que informa melhor, a que tem ou divulga informação mais útil, a mais atual, a mais interessante ou a mais viciante e a que os portugueses mais gostam. O Facebook é ainda referenciado como tendo uma taxa de penetração de 66% entre os portugueses com idades entre os 15 e os 64 anos. À data do estudo, em 2017, estavam registados 4.367.000 indivíduos (face aos 2.925.000 no ano de 2011). Se tivermos em conta as edições anteriores do referido estudo, desde 2011 observamos que o Facebook foi sempre a rede social mais utilizada em Portugal, com valores próximos dos apresentados em 2017.

O responsável pelo Facebook em Portugal sublinhou, a este propósito, que esta rede social tem 4,5 milhões de utilizadores diários em Portugal, o que representa 78% de todos os utilizadores ativos portugueses, uma taxa apresentada a nível global (Ferreira, 2017). Um grau de utilização também confirmado pelos estudos referenciados por Coutinho (2014), segundo os quais os portugueses já utilizam mais o Facebook do que vêm televisão, sendo as suas audiências, em horário nobre, “superiores às dos principais canais de televisão e não é por acaso que a maiorias das empresas aposta nesta rede social” (p. 47). Os números anteriores refletem o domínio do Facebook na área das redes sociais em Portugal e consequente utilização por parte da população, sendo um envolvimento motivador para um olhar mais atento às dinâmicas criadas nas áreas socioeducativas, nomeadamente do desenvolvimento das aprendizagens (in)formais.

Considerando de novo o caso do “REviver na Rede”, e analisando o envolvimento das pessoas com os seus espaços *online*, no ano de avaliação do

projeto (2018), a página no Facebook contava com 21.431 seguidores, o grupo do Facebook com 27.697 membros e o *website* registou 44.495 acessos, sendo que 16.467 foram visitantes que regressaram. Para melhor compreender a grandeza do número de membros do Grupo “REviver na Rede”, referimos que existiam, aproximadamente, 12.200 pessoas⁷ desempregadas na Madeira (logo, podemos afirmar que o universo da população-alvo era menor do que os membros do grupo), e que a população da região contabilizava 254.876⁸ pessoas. Portanto, tomando para comparação o total de membros do grupo (27.697), notamos que representavam cerca de 11% daquela população.

A avaliação realizada dois anos após o início da implementação do nosso projeto revelou que este atingiu as metas e os objetivos a que se propôs, confirmando-se como uma solução para o problema identificado junto do público-alvo, tendo sido recolhidas evidências de uma alteração nos comportamentos na utilização do Facebook por parte dos seguidores do projeto. Os espaços geridos no Facebook tornaram-se muito dinâmicos, registando-se testemunhos de pessoas que conseguiram emprego (num total de 529 pessoas até 2018), através das partilhas de ofertas de emprego por nós disponibilizadas. Mas também obtivemos testemunhos de pessoas a declarar que estão mais conscientes das potencialidades do Facebook e que estão a utilizá-lo melhor, inclusive a nível pessoal.

Por outro lado, o projeto tem sido distinguido em várias iniciativas de relevo, nacional e internacionalmente, por exemplo: *Born from Knowledge – Ideas* 2016⁹, Arrisca C 2016¹⁰ (menção Honrosa do Prémio Social ao Centro), *WSIS Prizes*¹¹ (nomeado em várias edições). Além disso, integra o relatório *WSIS Stocktaking*¹², como uma boa prática e proposta válida para ser aplicada noutros países ou regiões. Importa referir que os *WSIS Prizes* e o *WSIS*

⁷ Estimativa da população desempregada no 3.º Trimestre de 2018 (fonte: Direção Regional de Estatística da Madeira, <https://estatistica.madeira.gov.pt>).

⁸ Estimativa da população residente em 31-12-2018 (fonte: Direção Regional de Estatística da Madeira, <https://estatistica.madeira.gov.pt>).

⁹ *Born from Knowledge – Ideas*: concurso promovido pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, do Governo de Portugal (www.bornfromknowledge.pt/ideas).

¹⁰ O “Arrisca C” é um concurso promovido pela Universidade de Coimbra - Portugal, que visa estimular o desenvolvimento de conceitos de negócio em torno dos quais se perspetive a criação de novas empresas, incluindo iniciativas de empreendedorismo social (www.uc.pt/gats/eventos_e_iniciativas/a_decorrer/arrisca_c).

¹¹ O *WSIS Prizes* é um concurso internacional que visa reconhecer projetos com estratégias orientadas para o desenvolvimento local que utilizem o poder das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como um facilitador do desenvolvimento. É promovido pelo *World Summit on the Information Society*, evento que decorre na Suíça, e é promovido pelas Nações Unidas (www.itu.int/net/wsis).

¹² O *WSIS Stocktaking* é um arquivo para partilhar as melhores práticas a nível global e reconhecer a excelência na implementação de projetos e iniciativas locais. É uma ação liderada pela Agência das Nações Unidas para as Tecnologias da Informação e Comunicação (www.itu.int/net4/wsis/stocktaking).

Stocktaking são iniciativas da *International Telecommunication Union* (ITU), agência das Nações Unidas especializada nas TIC, visando distinguir e compartilhar as melhores práticas a nível global, e reconhecer a excelência na implementação de projetos e iniciativas locais, passíveis de serem replicadas noutras realidades e noutros contextos (nacionais/internacionais). Recentemente o projeto foi também incluído na plataforma MEDICI¹³ como boa prática na integração de populações vulneráveis e inclusão digital. Esta iniciativa da Comissão Europeia, com outros parceiros internacionais, visa o apoio ao desenvolvimento e disseminação das melhores práticas existentes para a integração de grupos vulneráveis e desfavorecidos na sociedade digital nos 28 estados-membros da União Europeia.

Estas distinções e referências por parte entidades de reconhecido mérito, quer a nível nacional como internacional, constitui uma avaliação externa aos trabalhos desenvolvidos. De facto, o nosso projeto tem demonstrado ser uma iniciativa muito importante, criando vínculos entre os participantes em termos colaborativos e de esperança comum no contexto de oportunidades laborais, permitindo tecer nós de sociabilidades digitais, enfim, e antes de prosseguir e concluir, numa palavra, permitindo continuar a “REviver na Rede”.

Conclusão

Neste texto, consideramos que a (r)evolução tecnológica fez emergir uma “sociedade em rede” (Castells, 2011) mediada pela tecnologia e a crescente utilização das redes sociais digitais potencia a capacidade de o indivíduo se realizar enquanto ser social, estimulando novas formas de aprendizagem, em rede, e novos estilos de vida *online*. A atual sociedade está, assim, e progressivamente, a “transformar as instituições e as estruturas sociais, incluindo as instituições e os processos educacionais” (Pinto & Cardoso, 2017, p. 88). De facto, concordamos com Maia e Carmo (2016) quando afirmam que existe “um ecossistema muito novo, onde os contextos de aprendizagem formal e informal interagem continuamente, o que traz evidentes desafios” (p. 21), desde logo à própria Educação.

Atualmente, as redes sociais digitais podem servir para muito mais do que meros contactos pessoais ou mesmo profissionais; também pela sua omnipresença na sociedade podem, nomeadamente, servir de instrumento de inclusão e fortalecimento da empregabilidade. Nesse contexto específico, estamos convictos de que o Facebook pode ser uma ferramenta social capaz de responder a esse tipo de necessidades, e, utilizado em articulação com as realidades locais, pode contribuir para a socialização, a integração social e a procura ativa de emprego.

¹³ <https://medici-project.eu/about-medici-project>

Para Silva (2001), em cada época histórica existe um conjunto de tecnologias que influenciam “o aparecimento de novas formas de estar e de ser” (p. 856). Na nossa época, as TIC trazem-nos os ambientes virtuais, nos quais podemos aceder à informação e estabelecer relações interpessoais e colaborativas. É neste contexto que o projeto “REviver na Rede” emerge e se tem constituído como contributo para uma sociedade mais inclusiva, também, no espaço digital. Por isso, concluímos que as redes sociais, a exemplo do Facebook, podem configurar e configurar-se como espaços de integração social, com capacidades para promoverem a comunicação inclusiva, atenuando barreiras psicológicas existentes em ambientes físicos.

Referências bibliográficas

- Cardoso, T. & Pinto J. (2020) Individuals, Collectives and Sociabilities in Social Networks: promoting new forms of inclusion and active job search. In Observatório - Revista de Comunicação, Jornalismo e Educação/Universidade Federal do Tocantins. v. 6 n. 4. ISSN 2447-4266. Consultado em outubro, 2020, em <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/issue/view/424>
- Castells, M. (2011). A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura (4.a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Coutinho, V. (2014). The social book. Lisboa: Actual.
- Cunha, R. P. M. (2016). Cinema e Educação. Estudos de caso no Brasil e em Portugal ” (Tese de doutoramento). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Consultado em outubro, 2020, em <https://run.unl.pt/handle/10362/18469>
- Dias, P. (2014). Viver na Sociedade Digital - Tecnologias digitais, novas práticas e mudanças sociais (Principia, Ed.). Lisboa.
- Ferreira, R. da R. (2017). Facebook tem 5,8 milhões de utilizadores ativos em Portugal. Future Behind. Consultado em novembro, 2020, em www.futurebehind.com/numero-utilizadores-facebook-portugal-2017
- Furtado, J. A. (2007). Fractura digital e literacia: reequacionar as questões do acesso. Comunicação & Cultura, 3, (pp. 97-111). Consultado em outubro, 2020, em <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2007.44>
- García, I., Peña-López, I., Johnson, L., Smith, R., Levine, A., & Haywood, K. (2010). Relatório Horizon: Edição Ibero-americana 2010. Austin: New Media Consortium e Universitat Oberta de Catalunya. Consultado em dezembro, 2020, em

<http://www.nmc.org/sites/default/files/pubs/1316813578/42010-Horizon-Report-ib-pt.pdf>

Kirkpatrick, D. (2011). O Efeito Facebook - A história da empresa que está a mudar o mundo. (C. Pacheco, Trad.). Lisboa: Arcádia.

Lévy, P. (1999). Cibercultura. São Paulo: Editora 34.

Liyoshi, T., & Kumar, M. V. (2008). Em Educação Aberta: O Avanço Coletivo da Educação pela Tecnologia, Conteúdo e Conhecimento Abertos (M. Vannini, & T. d. Gomes, Trans.). ISBN 978-0-262-03371-8. Consultado em outubro, 2020, em http://www.abed.org.br/arquivos/Livro_Educacao_Aberta_ABED_Positivo_Vijay.pdf

Loureiro, A., & Rocha, D. (2012). Literacia Digital e Literacia da Informação - Competências de uma Era Digital. Atas do ticEDUCA2012 - II Congresso Internacional TIC e Educação, (pp. 2726-2738). Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Maia e Carmo, T. (2016). Comunicação digital, educação e cidadania global: um novo paradigma e um caso. Em SIED: Simpósio Internacional de Educação a Distância/ EnPED: Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância. Brasil: Universidade Federal de São Carlos. Consultado em dezembro, 2020, em <http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/2188/1/PALESTRA SIED EnPED.pdf>

Martin, A. (2005). DigEuLit - a European Framework for Digital Literacy: a Progress Report. International Journal of eLiteracy. Journal of eLiteracy, Vol 2 (2005), (pp.130-136). University of Glasgow. Consultado em novembro, 2020, em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.469.1923&rep=rep1&type=pdf>

Martins, G.O. (Coord.) (2017). Perfil dos Alunos à saída da escolaridade obrigatória. Ministério da Educação, Direção-Geral da Educação. Consultado em novembro, 2020, em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Mattar, J. (2013). Web 2.0 e redes sociais na educação. São Paulo: Artesanato educacional.

Oliveira, L. (2019). Literacia digital e metodologias Literacia. In M. J. Brites, I. Amaral, & M. T. da Silva (Eds.), Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar (pp. 97-99). Braga: CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho. Consultado em outubro, 2020, em <http://milobs.pt/wp-content/uploads/2019/12/Literacias-C%C3%ADvicas-Refletir-e-Praticar.pdf>

- Os Portugueses e as Redes Sociais. (2020). Lisboa: Marktest. Consultado em outubro, 2020, em www.marktest.com/wap/private/images/Logos/Folheto_Portugueses_Red_Sociais_2019.pdf
- Pinto (2017). Formação aberta e online, redes sociais e inclusão digital: o projeto REviver na Rede. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Aberta. Consultado em <http://hdl.handle.net/10400.2/6930>
- Pinto, J. & Cardoso, T. (2020). O Facebook como artefacto educacional? O caso do projeto REviver na Rede. In Moreira, J.A., Gonçalves, V., García-Valcárcel, A. & Gutiez-Cuevas, Pilar. (eds.). VI Conferência Ibérica de Inovação na Educação com TIC: ieTIC2020: livro de atas, Ponta Delgada, Açores, 27-28 Fevereiro 2020, Instituto Politécnico de Bragança. ISBN: 978-972-745-270-5.
- Pinto, J., & Cardoso, T. (2017). Redes Sociais e Educação Aberta: Que relação? Em Redes e Mídias Sociais, 2.^a edição (pp. 75-92). Curitiba: Appris Editora. Consultado em outubro, 2020, em <http://hdl.handle.net/10400.2/7212>
- Raquel, L. (2016). Mediação docente e distância transaccional: uso do facebook num mestrado em regime misto (B-Learning). Revista e-Curriculum, 14(4) (pp. 1484-1498). Consultado em dezembro, 2020, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/47499/1/revistaecurriculum2016.pdf>
- Rebelo, C. (2015). Utilização da Internet e do Facebook pelos mais velhos em Portugal: estudo exploratório. Observatorio, 9(3), (pp. 129-153). Consultado em outubro, 2020, em <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/773>
- Rheingold, H. (2012). Net Smart - How to Thrive Online. The MIT Press.
- Santarosa, L. M. C., Conforto, D., & Schneider, F. C. (2013). Tecnologias na Web 2.0: o empoderamento na educação aberta. In Atas do Colóquio Luso-Brasileiro de Educação a Distância e Elearning (pp. 1-18). Lisboa: Universidade Aberta. ISBN 978-972-674-738-3. Consultado em outubro, 2020, em <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3071>
- Seixas, V. (2008). “Eles não sabem que a aprendizagem é uma constante da vida”. Blog da Formação. Consultado em outubro, 2020, em <https://blogdaformacao.wordpress.com/2008/01/22/eles-nao-sabem-que-a-aprendizagem-e-uma-constante-da-vida/>
- Siemens, G. (2004). A Learning Theory for the Digital Age. elearn space. Consultado em outubro, 2020, em <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>

- Silva, B. D. da. (2001). A tecnologia é uma estratégia. Em Paulo Dias & Varela de Freitas (org.) (Eds.), II Conferência Internacional Desafios (pp. 839-859). Braga: Universidade do Minho. Centro de Competência do Projecto Nónio Século XXI. Consultado em outubro, 2020, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/17940>
- Trültzsch-Wijnen, C. W. (2019). Educação para os média como uma disciplina transversal. In Brites, I. Amaral & M. T. da Silva (Orgs.) Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar (pp. 61-68). Austria: Salzburg University of Education Stefan Zweig. Consultado em novembro, 2020, em www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/3184/3078
- Viana, J. (2009). O papel dos ambientes on-line no desenvolvimento da aprendizagem informal. Consultado em outubro, 2020, em <http://hdl.handle.net/10451/2086>
- Vieira, N. (2008). As Literacias e o Uso Responsável da Internet. Observatorio (OBS*), 2(2), 193-209. Consultado em dezembro, 2020, em <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/112>
- Vygotsky, L. S.; Luria, A. R.; Leontiev, A. N. (2001). Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 7.^a edição (pp.103-119). São Paulo: Ícone.